

Rusticidade e recreio na Arquitectura das Quintas do concelho de Elvas

Mariana Sá

A paisagem alentejana, embora com ligeiras variações entre regiões, caracteriza-se essencialmente pelo tratamento que é dado à superfície cultivada. Estamos perante um território vasto, de pouca variação topográfica, subtilmente dividido, artificial ou naturalmente em propriedades cuja produção agrícola e pecuária, bem como o respectivo edificado que lhe dá apoio, estabelecem uma unidade de paisagem. Esta unidade integrada pode ser mais ou menos complexa, mais ou menos extensa, criada, essencialmente, para dar resposta à produção.

Uma reflexão sobre o Património Arquitectónico e Paisagístico específicos do contexto alentejano é hoje pertinente, uma vez que nos permite compreender os seus problemas na actualidade, e que contributos pode o Património Arqueológico fornecer ao corrente, na teoria e na prática. Referimo-nos à valorização do mundo rural, nomeadamente às Villae romanas e às Quintas alentejanas do Concelho de Elvas, enquanto unidades de paisagem que, para além da exploração agrícola a que se destinam, possuem uma forte componente recreativa, que se articula com a paisagem e com aquilo que a sua envolvente natural oferece.

Definimos como campo de estudo a área geográfica referente ao concelho de Elvas, pois é onde existe, curiosa e enigmaticamente, uma maior concentração de villae romanas e de quintas alentejanas presentes em todo o Alto Alentejo, constituindo assim, uma articulação entre o passado e o presente, através de relações de proximidade física e teórica entre estas duas realidades.

A villa romana é considerada como antecessora do “monte” alentejano. Este conceito, importado pela geografia, tem a sua lógica quando classificamos ambas as realidades como sendo modelos agro-pecuários cuja unidade edificada integra várias construções para actividades e usos específicos, gerando uma propriedade rural privada. Ambos são aglomerados rurais, agrícolas, constituídos por áreas habitacionais para os proprietários, para os empregados/ trabalhadores, e áreas de apoio à produção agrícola. Porém, não nos podemos restringir a esta redundância nem em anacronismos.

A villa era mais do que um local de produção agrícola: mais do que uma estrutura pensada e organizada de forma a tirar partido de tudo aquilo que possui à sua volta, era um lugar de ócio (otium), um local onde era valorizado o repouso e o lazer (termas), e a cultura (recitais de poesia; teatro).

Por sua vez, a quinta, para além da componente agrícola que possui, integra uma outra que a distingue do “monte alentejano” e a aproxima da concepção de villa que nos interessa evidenciar: a parte recreativa materializada em espaços externos na sua proximidade, como hortas, jardins e espaços recreativos destinados ao lazer, que denotam complexidade e grande cuidado paisagístico.

Consideramos, assim, o estudo da arquitectura e paisagem romanas como um procedimento analítico das contemporâneas, segundo três níveis de reflexão: o território, a propriedade e o edificado. O reconhecimento do passado, através da leitura geográfica, histórica, arquitectónica do mundo romano, constitui a “chave de leitura” para a reflexão crítica das unidades agrícolas que caracterizam o universo rural do concelho de Elvas. Este mecanismo de investigação e interpretação permite consubstanciar, numa atitude instruída, a argumentação teórico-prática de valorização, preservação e gestão desta Paisagem.